

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula Nº 188
19 de janeiro de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.

O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.

Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Eu escolhi meio de propósito este livro do Lavelle, *Manual de Metodologia Dialética*, justamente pela dificuldade dele. É o último livro do Lavelle, certamente o mais difícil, e por isto mesmo ele contém de maneira condensada todos os problemas que foram tratados na obra anterior. E por essa mesma razão, uma leitura correta dele nos obriga, a todo o momento, voltar atrás e consultar os textos anteriores. Na verdade, se fosse possível ler os livros do Lavelle pela sua ordem de publicação ou pela sua ordem de redação, seria muito bom, a começar pelas cadernetas de guerra que são anotações que ele tomou enquanto era prisioneiro dos alemães na I Guerra — ele ficou dois anos ali no campo de prisioneiros — e, aliás, deu um curso do qual depois derivou a sua tese, mas essas cadernetas de guerra são notas. Tem vários livros dele que são notinhas, são como que aforismos. Esses livrinhos que têm os aforismos, como por exemplo, *Conduite à l'égard d'autrui* (A Conduta em Face do Outro) ou os preceitos dele que chama *As Regras da Vida Cotidiana* etc., são por sua vez como que rascunhos daquilo que seria o quinto volume da *Dialética do Eterno Presente*, que se chamaria *De Sagesse* (Da Sabedoria), o qual não chegou a ser escrito, mas que está suficientemente esboçado nesses escritos esparsos.

A leitura pela ordem cronológica seria muito interessante justamente pelo fato de que a evolução do pensamento do Lavelle é uma coisa assim inteiramente contínua: ele parte de certos problemas, que ele descobre muito na juventude, e que ele vai aprofundando, aprofundando, com uma continuidade e uma coerência extraordinária. Se bem que ele não dá a menor importância para a coerência lógica, ele diz que, quando você tenta forçar a coerência lógica, nunca dá certo, só dá porcaria; e também que não é para você tentar provar muito coisa nenhuma, você tem de dizer as coisas do jeito que elas apareceram. Mas justamente a grande dificuldade é você transpor a experiência, a mais direta e a mais presente, por assim dizer, numa linguagem que não seja somente simbólica ou analógica, que não seja somente poética, transpondo-a, portanto, para um vocabulário filosófico constituído de termos de aplicação universal.

É mais ou menos disto que eu estou falando neste textinho que eu escrevi para este curso, mas que também vou transformar num artigo, que se chama “Espírito e Personalidade”, e que eu vou ler aqui e comentar:

“O espírito é aquilo que só chega a nós pelo pensamento, mas que o pensamento, por si, não pode nem criar nem alcançar. O espírito é a verdade do pensado, a qual, por definição, está para além do pensamento mesmo nos casos em que este cria o seu próprio objeto. Quando, por exemplo, criamos mentalmente um triângulo, este já traz em si todas as suas propriedades geométricas que o pensamento, nesse instante, ainda ignora por completo; (...)”

Se não fosse assim, bastaria você pensar um triângulo e você já saberia todos os teoremas que Euclides puxou de dentro do triângulo, o que não é verdade. Apreender e compreender os teoremas faz um tempão, mas eles todos já estão dados na figura do triângulo e eles compõem a verdade do triângulo. Veja, qualquer objeto que você... Veja, a sua presença física é uma só, porém a sua verdade é múltipla e às vezes inesgotável. Se você tomar um elemento simples, um copo: você olha o copo, imediatamente você reconhece o que é. No instante em que você o reconheceu, você apreendeu justamente o que é a essência daquele objeto, ou seja, o que ele é, o *quid*, então eu sei que é um copo. Mas agora se você perguntar: o que é exatamente um copo? Você já começa a pensar assim: o copo não surgiu do nada, os copos não nascem em árvores, eles tiveram de ser inventados. De onde surgiu a idéia de você fabricar um copo, de você criar um copo, um recipiente qualquer? Segundo, este objeto específico, este copo específico é feito de alguma matéria. De onde foi tirada essa matéria? E que outras matérias possíveis poderiam ter sido usadas ali? Em terceiro lugar, isso foi fabricado por algum ser humano em algum lugar, quer dizer, foi trazido até você, ele não veio voando. Tudo isso, todos esses elementos compõem a verdade daquele objeto. Então a respeito de um simples copo, você poderia escrever muitos volumes e a verdade dele não seria esgotada. Isto é o sinal de que a verdade não está no simples pensamento do copo, está em outras coisas que já estão contidas no próprio copo e que, por si mesmas, nunca são o conteúdo de um pensamento. É importante você entender o seguinte: sempre que você pensa algo, você pode pensá-lo, por exemplo, sob a forma de uma afirmação — isto é o máximo que o pensamento faz. O pensamento por si mesmo não pode apreender se ele próprio é verdadeiro ou não. Ou seja, apreender a verdade não é pensar algo.

Quando Aristóteles disse que só existe a verdade no juízo, e não na simples proposição, ele já estava mais ou menos na pista disso. Quer dizer, o que é a proposição? Você afirmar ou negar alguma coisa. O que é o juízo? Daí dizia ele: é a concordância ou discordância que você tem com relação ao juízo. Ora, essa concordância ou discordância não é por sua vez nem uma proposição e nem um juízo, ela é uma atitude puramente interior do ser humano e que não coincide com a sua própria expressão verbal. Quer dizer, você apreender que uma proposição ou juízo é verdadeira e você expressar essa concordância em palavras não é a mesma coisa — frequentemente os lógicos usam esses dois termos (proposição e juízo) como se fossem sinônimos. O juízo, diz Aristóteles, não é a proposição, ou seja, ele não é a expressão verbal do pensamento e não é o próprio pensamento, ele é uma concordância ou discordância. Onde está essa concordância ou discordância? Não está pensamento decerto, nem está

na imaginação, não está na memória, não está em coisa nenhuma, ela está na atitude moral do ser humano que aceita ou rejeita, e que pode ser totalmente inexpressa e que nunca corresponde à sua expressão em palavras. Ou seja, você concordar ou discordar é uma coisa, você dizer “concordo ou discordo”, dizer “isto é verdadeiro ou é falso” é outra completamente diferente. E isto aqui é um ponto básico que eu já falei disso outras vezes, não sei se neste curso, mas que eu acho absolutamente fundamental para isso: o conhecimento da verdade não é algo a que você tem acesso por alguma função mental ou raciocínio ou inteligência. Vocês podem usar a palavra “inteligência” para designar esta atividade, mas também nem isso é muito correto.

Então vamos prosseguir aqui:

“(...) e quando ele as tiver descoberto uma a uma, num longo esforço desenvolvido no tempo, terá de confessar que estavam no triângulo em modo simultâneo antes de que ele as apreendesse. E mesmo quando apreende uma só, apreende algo que está no triângulo e não no próprio pensamento. Não há, na esfera do mental, nenhuma diferença entre pensar o falso e pensar o verdadeiro. O pensamento só se torna veraz quando toca algo que está para além dele, algo que não se reduz de maneira alguma ao ato de pensar. Esse algo é o que chamamos “verdade”. Como se vê no exemplo do triângulo, a verdade está para além do pensamento mesmo quando o objeto deste é criado pelo próprio pensamento: o pensamento não domina e não cria a veracidade nem mesmo dos objetos puramente pensados. A verdade só aparece para além de uma fronteira que o pensamento enxerga mas não transpõe. A verdade é o reino do espírito.”

É isto que eu estou chamando de espírito. É o reino da verdade que você vislumbra através do pensamento, às vezes através das sensações [0:10], mas que nem o pensamento e nem as sensações apreende. Então a pergunta é: quem apreende? É você. Não há uma função à qual você possa delegar este trabalho, é a sua pessoa real. Não se pode dizer que é a sua pessoa inteira, no sentido quantitativo da coisa. A sua pessoa inteira está envolvida, mas aquilo que apreende a verdade é no fim das contas a sua pessoa moral, é o seu espírito.

“A verdade é espírito, mesmo quando apreendida num objeto material. Nossos sentidos podem apreender a presença de um objeto, mas não podem, por si, decidir se essa presença é real ou imaginária. O pensamento tem de intervir, colocando perguntas que completem e corrijam a mera impressão. Ele o faz em busca da verdade do objeto, mas, quando a alcança, sabe que ela está não apenas para além dos sentidos, mas para além dele próprio caso contrário não seria verdade de maneira alguma e sim apenas uma impressão suplementada pelo pensamento.”

O pensamento completa, ele, por assim dizer, corrige, ele altera o objeto captado pelos sentidos, de modo a apreender a veracidade ou falsidade, mas não é ele mesmo que apreende isso. Um pensamento só gera pensamentos, ele não pode gerar a concordância ou discordância íntimas, que são exatamente o que Aristóteles chamava do juízo ou julgamento. Então o julgamento ou o juízo é uma atitude muda, ela não é uma representação, ela não é um pensamento, ela não é uma imagem, ela não é uma sensação, ela não é uma emoção. Ela é uma atitude do espírito humano que é exercida

livremente. Ou seja, na hora em que você diz isso é verdadeiro ou isso é falso, você está exercendo a sua liberdade moral, não há nenhuma função, nenhum mecanismo interior que o obrigue a fazer isso. O pensamento tem uma mecânica própria, o silogismo, por exemplo, a lógica; a imaginação também tem uma mecânica própria — o sistema de analogias, associação de idéias, etc.; mas o juízo, o dizer sim ou não, o concordar ou o discordar não tem nada que o obrigue. É no instante em que você aceita a veracidade do objeto, aí que você tem o juízo. Mas interiormente, todo o seu processo mental, nada o obriga a fazer isto.

Mas se é assim, então coloca-se o problema: se o dizer sim ou não, se o consentir ou negar, se o apreender a verdade é um ato do espírito e não da mente, então isto quer dizer que todo o conhecimento é um ato do espírito e não da mente. Isto é a mesma coisa que dizer: a mente não conhece nada, o pensamento não conhece nada, a memória não conhece nada, as emoções não conhecem nada, eles só nos mostram representações ou impressões sensíveis diretas, eles nunca nos dizem se isso é verdadeiro ou falso. O verdadeiro ou falso só é acessível no nível do espírito, onde o ser humano se obriga a si mesmo a aceitar a verdade do objeto, coisa a que nada externo, e, aliás, nem interno, pode obrigá-lo. Isto quer dizer que o conhecimento da verdade é uma função da liberdade humana. E se vocês perguntam: por que às vezes quando nós mostramos alguma coisa, mostramos uma multidão de fatos para um cara, demonstra, ele continua discordando? Eu digo: porque nada pode obrigá-lo a reconhecer a verdade. Se fosse uma função do mental, o mental tinha as suas leis internas. Não só o pensar tem as suas leis internas, mas o pensamento tem a sua ordem lógica, então ele tem uma regra, ele tem uma obrigatoriedade, ele tem uma forçosidade. Mas você é obrigado a aceitar essa forçosidade? Não.

Isto nos mostra claramente que nenhum pensamento, nenhuma imaginação, nenhuma emoção, nenhuma imagem, nenhuma percepção traz em si a verdade. A verdade está lá, mas apreendê-la é uma ação da liberdade humana. E isto explica porque a dimensão de verdade não existe para os animais, porque eles não têm a pessoa moral humana. Eles podem reconhecer um estado de fato, mas não podem conhecer a verdade neste sentido da concordância ou discordância, eles nem concordam e nem discordam. Então as palavras “sim e não” são totalmente desconhecidas no reino animal.

“A verdade é sempre transcendente à esfera do pensamento, das sensações, das emoções, de tudo quanto constitui o “mental”. Os testes de QI não medem a quantidade da atividade mental, mas a sua eficiência em transcender-se, em apreender a veracidade do objeto — a sua capacidade de vislumbrar, para além da esfera do pensado, o reino do espírito.”

É isto que de fato os testes de QI estão testando, mas não quer dizer que os psicólogos saibam disto.

“Essa capacidade não se chama “pensamento”, mas inteligência. Ela é inteiramente alheia à quantidade, intensidade ou elegância formal do pensamento. “De pensar, morreu um burro”, diz o ditado. Pensar falsidades dá tanto trabalho, e às vezes até mais, do que chegar à verdade. Um pensamento bom não é aquele que se compraz na riqueza dos seus próprios movimentos,

mas aquele que se recolhe humildemente para dar passagem à inteligência, à percepção da verdade.”

Aqui eu ainda estou usando a palavra “inteligência” como percepção da verdade no sentido ativo do entender. Mas a palavra “inteligência” também é usada em outros contextos como sinal de habilidade mental. Então neste caso teríamos de dizer que a apreensão da verdade não está sequer na inteligência, neste sentido da palavra “inteligência”.

“A correção formal do pensamento pode ser importante, às vezes, mas o pensamento, por si, não tem como apreender a verdade da sua própria correção formal.”

Quando você pensa: “Este silogismo está corretamente desenvolvido”, você pergunta: mas ele está de fato corretamente desenvolvido? É uma verdade que ele está corretamente desenvolvido? Ou seja, a sua forma interna é realmente perfeita? Aí você tem de entrar com o assentimento ou a discordância, tem de dizer um sim ou um não, e é só aí que você tem conhecimento de que ele é realmente correto.

“Tomar consciência da correção formal de um silogismo não é um pensamento: é a percepção instantânea — intuitiva, se quiserem — de um nexos necessário entre dois pensamentos.”

Mas nem mesmo esse nexos ainda é conhecimento. Só há conhecimento quando você concorda.

“Se não fosse assim, seria um terceiro pensamento, cujo nexos com os outros dois teria por sua vez de ser provado silogisticamente, e assim por diante até a consumação dos séculos.”

Ou seja, se a percepção da verdade do pensamento ou até mesmo da verdade da sua simples correção formal fosse por sua vez um pensamento, você teria de provar o nexos entre ele e os dois outros pensamentos que você pensou antes, e daí você teria um quarto nexos, um quinto nexos e assim por diante, e isto não terminaria nunca. Ou seja, se não há uma atitude da pessoa moral que diz sim ou não, o conhecimento não se perfaz, ele não se completa, fica só no pensamento ou na imaginação.

“Mesmo a mera veracidade formal é veracidade e transcende o pensamento.

Pessoas que pensam muito são, só por isso, chamadas de “intelectuais”, mas isso é errado: a vida do intelecto só começa na fronteira em que o pensamento se apaga para dar lugar à percepção — ou vislumbre — da verdade.

Tanto o pensamento quanto as impressões, a memória ou as emoções não fazem senão acumular motivos para que a verdade surja, depois, numa percepção instantânea.”

Com a ressalva: eu não estou expressando as coisas direito aqui. Nem mesmo esta percepção instantânea é conhecimento, é percepção instantânea acompanhada da concordância da pessoa moral. Você pode ter uma percepção instantânea e você mesmo não perceber que ela é verdadeira. Quantas vezes

você tem a intuição correta, passa adiante e acaba acreditando numa outra coisa errada? E daí quando dá tudo errado, no fim você diz: “Mas eu sabia, eu percebi isso”. Eu digo: você percebeu, mas você não conheceu [0:20]. Aquilo passou pela sua mente, mas não houve a concordância.

“Essa acumulação pode ser longa e trabalhosa, mas ela nunca é a finalidade, a meta de si própria.

Toda educação da inteligência deveria ter isso em conta, mas isso se tornou quase impossível numa época que virou as costas à própria noção de verdade — para não falar do espírito —, substituindo-a pela de projeção subjetiva, adequação, utilidade, interesse de classe, criação cultural etc., (...)”

Tudo isso são pretextos para não ter de lidar com essa batata quente que se chama verdade. Por que é uma batata quente? Porque você não consegue defini-la nos termos das várias funções cognitivas — pensamento, imaginação, memória etc. Ou seja, você não consegue transformar numa coisa. E note bem que todo o nosso esforço de fazer ciência, se ele tem o seu lado importante e meritório, ele também tem, por outro lado, um aspecto de fuga da responsabilidade cognitiva, onde você quer se apegar a crenças que são coletivamente admitidas por uma comunidade que você respeita e que tem autoridade sobre você. No fundo, no fundo, o impulso que nos leva a fazer um treco chamado ciência, no sentido sistemático e profissional, é o culto da autoridade e não da verdade. Aquela verdade que você apreendeu sozinho e pela qual você assume total responsabilidade só tem validade para você. Mas ela é verdade num sentido muito mais superior a qualquer verdade científica, que é uma verdade coletivamente admitida por uma comunidade. Por quê? Essas verdades coletivamente admitidas são verdades, elas são conhecimento? Não, elas só são representações. Elas só se tornam verdade no instante em que alguém toma conhecimento daquilo e concorda, e diz: “É verdade mesmo”. Só existe verdade na percepção da verdade e na admissão da verdade, ou seja, no juízo. Veja que Aristóteles, dois mil e quatrocentos anos atrás, acertou na mosca ao dizer que só existe verdade no juízo e não na proposição.

Uma ciência nos fornece juízos? Não. Fornece proposições, que se transformam em verdades no momento em que o ser humano as apreende como tais, como verdades. Isto quer dizer que uma biblioteca científica inteira é apenas um conjunto de proposições e não um conjunto de verdades.

“(...) como se todas estas noções não afirmassem implicitamente a sua própria veracidade e não restaurassem, assim, meio às tontas, aquilo que desejariam suprimir.”

É o velho problema do cético, quando o sujeito diz que não existe verdade objetiva. Mas você pode perguntar: “Mas isso que você está dizendo é uma verdade objetiva ou é apenas uma coisa que você pensou?” Como coisa que você pensou, nós podemos aceitá-la perfeitamente. Às vezes eu também tenho a impressão de que não existe verdade objetiva, às vezes eu estou atrapalhado, eu estou como o Falstaff, na ópera do Verdi: “*Tutto nel mondo è burla*”, tudo é uma palhaçada, é tudo um fingimento. Às vezes eu tenho esta impressão também. Então como impressão subjetiva é perfeitamente válida.

Mas se você disser que objetivamente não existe nenhuma verdade objetiva, aí você criou um problema. Eu não posso reconhecer como verdade o que você está dizendo. Aí cria-se aquele problema em que o fato da proposição ser expressa mostra que ela é falsa; se ela fosse verdadeira, ela não poderia ser dita.

“No curso da sua evolução temporal, o indivíduo chega a ter uma “personalidade intelectual” no momento em que a submissão do seu pensamento ao espírito se tornou um hábito adquirido e se integrou na sua alma como uma reação usual e quase inconsciente.”

O indivíduo chega a ter uma personalidade intelectual no sentido em que eu uso este termo na teoria das camadas da personalidade (daqui a pouco eu explico melhor isto aqui também): no instante em que ele se tornou dócil a uma verdade que ele deseja. Isto é para você ver como a busca da verdade é uma coisa rara. O ser humano precisa da verdade, e acidentalmente, ocasionalmente, todo mundo reconhece alguma verdade. Mas a pergunta é: mas é isso que você quer? Quanto você quer? E durante quanto tempo você quer? Se você reparar bem, você vai ver que a maior parte do tempo nós estamos apenas pensando, não estamos buscando a verdade. Se vier falsidade, nós também a aceitamos do mesmo modo porque não colocamos ainda essa distinção.

O pensar tem uma força atrativa por si mesma. Você começa a pensar, você vai parar longe, às vezes você nem lembra o que pensou de tão longe que você foi parar. Isto não é buscar a verdade. Só entra a busca da verdade quando entra o problema da responsabilidade moral, onde você, perante você mesmo, é inteiramente responsável por acreditar ou não acreditar naquilo. Quer dizer, só existe verdade no instante onde existe o assentimento e a crença. Sem assentimento e crença, nada é verdadeiro ou falso, são apenas possibilidades. E estas possibilidades são o quê? O pensamento, a imaginação, a memória etc., que nos traz as representações que são possíveis, ou seja, você está em pleno discurso poético, na verdade.

“Em sentido estrito, conduzir o estudante a essa passagem de nível seria o objetivo de toda educação superior, mas a redução das universidades à condição de escolas profissionais ou de centros de adestramento ideológico para militantes veio a tornar esse objetivo completamente utópico, elitizando em vez de democratizar o acesso aos bens superiores do espírito como prometem fazê-lo todos os governos do mundo.”

Na continuação deste texto, eu digo que, por incrível que pareça, os estudos de QI nunca usam o conceito de verdade, embora eles estejam investigando exatamente a nossa capacidade de conhecer a verdade. Daqui a pouco vamos ver isto aqui.

Mas voltando ao negócio da personalidade intelectual, vocês lembram que a teoria das camadas da personalidade mostra a evolução do ser humano no tempo conforme o deslocamento do seu eixo de atenção. Para você saber onde está o eixo de atenção do indivíduo, você tem de saber onde ele sofre, onde dói mais ou onde ele se esforça mais. O deslocamento do eixo de atenção

também é o deslocamento do eixo do objetivo ou meta fundamental que o indivíduo está vivendo durante um certo período.

Pelo simples fato de ter nascido, você tem acesso à presença do seu corpo, então esta aí é a primeira camada da personalidade, quer dizer, o sujeito tem um corpo, ele está presente. Numa segunda etapa, ele passa ao exercício dos seus instintos e necessidades fundamentais: comer, dormir, chorar, chupar dedo etc. — que são as ocupações de um bebê. Numa terceira camada, ele busca obter meios de comunicação com os seus semelhantes. Por exemplo, uma coisa é um bebê chorar porque está com fome, outra coisa completamente diferente é o bebê chamar a mãe para que lhe dê a mamadeira. No primeiro caso, é apenas um corpo que está expressando da maneira mais direta o seu sofrimento ou a sua necessidade. Então, para usar o termo do Karl Bühler, o bebê que chora está na chave expressiva da linguagem, ele está apenas expressando o que ele sente; mas o bebê que chama a mãe para que lhe dê a mamadeira está na chave apelativa, ele está tentando influenciar uma outra pessoa para que faça isso ou aquilo para ele. Quer dizer, esse desenvolvimento da terceira camada pode levar muitos anos evidentemente.

Eu digo que ele chegou a uma quarta camada quando ele já tem um mundo de sentimentos, emoções e recordações próprias, no qual ele se reconhece mais do que no seu corpo. Quando você está ainda na terceira camada, o que você chama de eu? É, sobretudo, o seu corpo, é o lugar onde você está. Mas chega um ponto onde você tem uma história afetiva e, para você se reconhecer nela, você não precisa fazer referência ao seu corpo, [0:30] mesmo porque este corpo já passou por várias modificações, ele não pode ser reconhecido por uma só das suas formas. Aí significa que o conjunto das emoções, das experiências que marcaram a personalidade emocional do indivíduo já tem uma identidade própria que permite reconhecê-la como tal, sem referência à identidade corporal, embora a identidade corporal continue estando lá. O indivíduo passa para a quinta camada quando, por assim dizer, esse mundo emocional já se fechou, já tem uma identidade própria, e isso já não basta para ele. Ele tem de se testar no mundo para ser reconhecido não só pelos outros como também por si mesmo. Então já não se trata apenas de ter necessidades, de comunicar-se ou de ter sentimentos, ter emoções, mas trata-se de fazer alguma coisa em vista de reforçar-se a si mesmo.

Veja, que até um certo ponto todo o reforço ou debilitamento do indivíduo vem, por assim dizer, de fora. O bebê se torna mais forte ou mais fraco conforme a alimentação que lhe dêem, assim como o mundo emocional do indivíduo é composto de um condensado daquilo que se passou com ele. Porém, agora ele busca fazer com que ele mesmo seja a fonte de reforço dele próprio. Por exemplo, ao competir, ao tentar se exhibir ou mostrar as suas capacidades, ou simplesmente ao se olhar no espelho, se pentear, arrumar o cabelo, vestir uma bela roupa etc., tudo isso o que o indivíduo está fazendo? Ele está se reforçando a si mesmo, ele já não depende só do reforço externo como acontecia quando era um bebê indefeso. Porém, esse reforço vale pelo seu efeito subjetivo, pelo que o indivíduo sente em resposta ou em recompensa daquilo que ele mesmo fez. Isso geralmente está presente na adolescência. Antes da adolescência, é difícil uma criança ter essa iniciativa; se

fizer, faz meio às tontas, mas um adolescente, quando faz, já sabe o que está fazendo, ele sabe que ele quer se mostrar, que ele quer parecer vitorioso, forte, capaz, bonito etc.

Porém, chega um ponto em que isso aqui também já não basta, ou seja, o efeito subjetivo desse reforço não satisfaz o indivíduo, ele precisa de algo mais: ele precisa obter um efeito objetivo. Por exemplo, ganhar um salário. Se você fez lá o seu trabalho, achou que é bacana, etc., mas vem um salário deste tamanho, não resolveu o problema. Se, veio o salário, mas você sabe que você fez tudo errado e que vai dar prejuízo, também não resolve. Então você precisa alcançar uma eficiência objetiva. A conquista da eficiência objetiva é uma motivação, é uma meta completamente diferente da simples busca do reforço subjetivo. Veja que todo mundo passa por essas etapas. Até esta aqui, praticamente todo mundo que tem um emprego chegou lá. Se bem que, no Brasil, é muito comum as pessoas já terem emprego, já estarem trabalhando, e elas nunca terem se colocado esse problema da eficiência objetiva. Às vezes, porque não chegam a ter a capacidade de compreender a relação de causa e efeito entre suas ações e os resultados obtidos.

Por que é assim? Eu digo: porque é uma sociedade onde tem muita gente que fracassa, onde o fracasso é normal, e que, portanto, estatisticamente, você vê que, como em geral as pessoas são fracassadas, e você só conhece fracassados, então, você não vai atribuir o seu fracasso a uma relação de causa e efeito entre suas ações e o mundo objetivo, não: você vai explicar como uma coincidência, uma má sorte geral. Então isto quer dizer que uma sociedade que aceita o fracasso como uma coisa normal e majoritária, ela não permite que as pessoas se desenvolvam além da quinta camada. Estão entendendo a tragédia que isto é? Numa sociedade onde, em geral, você vê as pessoas indo para frente, progredindo etc., você espera que o mesmo aconteça com você. E se isso não acontece, não tem como você culpar a sociedade ou o mundo, quer dizer, eu fiz algum treco errado, eu tenho de modificar a minha conduta, eu tenho de fazer uma coisa diferente.

Vocês entendem a diferença entre quinta e sexta? Quer dizer, o que é você buscar um reforço subjetivo e o que é você obter algum efeito real. Também as duas coisas podem se superpor. Precisa ver qual é a chave em que você está, o que você está querendo. Se você obteve o reforço subjetivo, e isto lhe basta, então é quinta camada. Agora, se você quer um efeito real, daí você está na sexta. O efeito real, mesmo que não haja o reforço subjetivo: isto é importante.

Depois que você alcançou isso, quer dizer, que você já é capaz de manipular a sua vida prática de modo a obter algum efeito, aí pela primeira vez você é capaz de ter um vislumbre de quais são as suas obrigações na sociedade humana. No Brasil, todo mundo fala de cidadania, cidadania, cidadania. Se você não passou da sexta camada, então você não sabe o que é cidadania. Cidadania, para você, significa ter o direito de entrar na fila do Fome Zero e receber uma grana ou, agora, como tem o Ministério da Cultura, receber os seus R\$ 50,00 por mês para comprar revista, que pode ser até de pornografia — isto é cultura no Brasil. Então a cidadania é isto: ela consiste num direito de obter certas satisfações. Mas, a cidadania como um dado objetivo, como um conjunto de direitos e obrigações muito claras, é uma coisa que o indivíduo só

pode ter acesso uma vez que ele conseguiu obter uma visão clara de causa e efeito nas suas ações, senão, não dá.

Se o sujeito chegou até aí, então o sujeito está pronto para um treco que chama maturidade. O que significa maturidade? Você poder olhar tudo o que você fez antes até a conquista da cidadania e você julgar tudo isso. Então geralmente esta conquista equivale com alguma crise, algum abalo, porque pode ser que você ali diga: “Eu fiz tudo certo, na minha vida está tudo bem, tudo organizado, eu tenho um bom emprego, casei legal, tenho os filhos bonitinhos, tenho carro, tenho mais isso etc., mas não está legal, está me faltando alguma coisa: está faltando eu”. E é somente a partir deste ponto que é possível a conquista da personalidade intelectual.

Ora, você estudar, você ler, você pensar um bocado é uma coisa que você fez ao longo de todas essas camadas anteriores. Talvez você nunca tenha pensando tanto, quanto pensava na adolescência, que é na camada três para a quatro. Porém, agora não basta. Se você coloca o problema do sentido da sua existência, então você está começando a buscar a verdade da sua existência. E se você persistir nisso... Quer dizer, o sujeito pode parar aí, em geral as pessoas adultas param por aí, não vão ter personalidade intelectual nenhuma. Por quê? Porque você constatar esta insatisfação natural da crise de maturidade não quer dizer que você vai entender que você precisa buscar a verdade. Mas para alguma pessoas isso acontece.

Note bem: o interesse que você tenha por cultura, por literatura, por filosofia, por história não tem nada a ver com personalidade intelectual. O sujeito pode desenvolver uma personalidade intelectual sem ele ter estudado nada disto e o outro que estudou tudo isto pode não ter personalidade intelectual alguma, porque as camadas — vou repetir — são definidas pelo eixo da sua motivação, pelo que é realmente importante para você [0:40] numa certa fase da vida e, portanto, pelo onde dói. Veja se o indivíduo exerce uma função intelectual importante na sociedade como intelectual, mas ele ainda está tentando tirar uma dúvida sobre a sua capacidade ou se ele está sofrendo muito por uma carência emocional qualquer, então ele não está na camada intelectual.

Você verifica que o indivíduo chegou a ter uma personalidade intelectual quando acontece isso, por exemplo, que acontece com Louis Lavelle, que é documentado nas cadernetas de guerra, onde o sujeito todo ferrado, num campo de prisioneiros, não pensa sobre os seus problemas nem um minuto, ele está interessado em outras coisas, quer dizer, o drama dele é a busca da verdade, quer ele esteja em casa, quer ele esteja dando lição na Sorbonne, quer ele esteja numa cadeia num país inimigo. Isto não quer dizer que nunca pensasse nessas coisas, é evidente! Quando chegava um sargento alemão berrando na orelha dele, não devia ser muito agradável. Mas você vê que o eixo da conduta é uma preocupação realmente com a busca da verdade, ele precisa da verdade. Então é só quando você passa a precisar dela, aí você tem uma personalidade intelectual.

“Tornou-se esse objetivo completamente utópico, elitizando em vez de democratizar o acesso aos bens superiores do espírito.”

Se bem que as pessoas que prometem acesso aos bens superiores, elas em geral não sabem o que é isso. Elas falam só porque é bonito.

“O caminho, decerto, não está bloqueado para os estudantes que tenham iniciativa pessoal e alguns recursos. O problema é que a conquista de uma personalidade intelectual num ambiente que desconhece a mera existência dessa possibilidade humana – o caso, sem dúvida, do meio universitário brasileiro hoje em dia – é fonte de inumeráveis dificuldades psicológicas para o estudante, a começar pela quase impossibilidade de encontrar pessoas do mesmo nível de consciência com as quais possa ter diálogo e amizade. A personalidade intelectual só pode ser compreendida desde outra personalidade intelectual: o diálogo com indivíduos desprovidos dela é uma transmissão sem receptor, a ocasião de mal-entendidos e sofrimentos sem fim.”

O mais óbvio desses sofrimentos é que, quando você tem uma personalidade intelectual, o que quer que você diga, se for ouvido por pessoas que não a tem, será entendido numa outra chave. Eles podem entender o conteúdo verbal do que você está dizendo, mas não vão entender a motivação com que você está dizendo, então vão atribuir a outras causas, a outros motivos etc. Quer dizer, você vai estar rodeado de incompreensões na medida em que tente falar para essas pessoas, porque você também não é obrigado a tentar. Eu, por exemplo, sou obrigado a tentar por causa da minha profissão, eu sou jornalista. Não tem como selecionar, falar só para pessoas inteligentes e que tenham os mesmos objetivos que eu — eu iria ter três leitores. Então como jornalista, eu sou obrigado a falar para uma platéia indeterminada onde a maioria não tem a maturidade e nem a personalidade intelectual requerida para me entender na chave que eu estou falando. Foi por causa disso que eu me tornei também um professor. Porque eu vi que se eu quero que as pessoas me entendam, eu vou ter de ajudá-las a me entender, porque naturalmente, olhando por aí, eu não encontro ninguém, então de certo modo eu vou fazer a minha própria platéia. Que é o que eu estou fazendo aqui: eu estou tentando ajudar as pessoas a se desenvolverem até chegar a esta chave onde, aí, sim, elas vão entender porque eu estou dizendo o que eu estou dizendo.

Eu vou ler a segunda parte, depois nós voltamos para o texto do Lavelle.

“É objetivamente estranho, mas culturalmente compreensível, que o estudo da inteligência humana faça tão pouco uso do conceito de “verdade”. O que se mede nos testes é apenas a correção formal, a adequação, a eficiência dos raciocínios, mas há com toda a evidência uma diferença abissal entre fazer um raciocínio correto e saber que ele está correto.”

Este saber que ele está correto o que é? É o juízo, é o assentimento, é o sim ou o não interiores.

“A primeira dessas operações pode ser efetuada por um computador. A segunda exige uma presença humana, uma inteligência pessoal, uma consciência, ou uma responsabilidade pessoal. Tudo o que um computador pode fazer é aplicar certos protocolos de correção padronizada (já criados anteriormente por um ser humano) e aprovar ou rejeitar suas próprias conclusões, mas isso não é o mesmo que ‘saber’.”

Você pode dizer que um computador tem bilhões de informações importantes, você não pode dizer que ele é sábio ou que ele sabe essas coisas, por quê? Porque ele não tem a responsabilidade humana. Se ele soubesse, ele seria sujeito de direitos e obrigações jurídicas e morais. Você cobraria o computador pelo que ele disse ou fez, ele poderia ser processado, pelo menos poderia ser moralmente condenado, e você sabe que isso seria totalmente injusto, porque você sabe que ele não tem personalidade moral e ele, portanto, não tem responsabilidade nem moral nem jurídica e, portanto, é a mesma coisa que dizer: por mais informações que tenham aí, ele não sabe nada, ele está inocente como um pato.

“É por um vício cognitivo, por uma espécie de compulsão metonímica, que um homem diz que “seu” pensamento, “sua” memória, “seu” raciocínio ou mesmo “sua” inteligência – no sentido vulgar de destreza mental – apreenderam tal ou qual verdade. Nenhuma função da mente pode, como tal, nos dar a verdade. Juntas ou separadas, só nos dão os elementos e articulações nos quais reconheceremos – ou não – a verdade. O reconhecimento da verdade não é obra de nenhuma faculdade ou potência mental: é obra da pessoa como tal, do ser humano individual concreto, ou, se quiserem, do “eu”.

Mesmo quando dizemos “meu eu” ou “meu ego”, furtamo-nos à condição e à responsabilidade de sujeito agente, terceirizando-as num nome de parte ou função, e às vezes acreditamos que assim nosso discurso subiu mais alto na escala de objetividade. Mas por que deveria eu ser considerado mais veraz, mais confiável ou mais “objetivo” pelo simples fato de falar de mim mesmo na terceira pessoa? Qualquer criança de dois anos pode fazer isso.”

E as crianças freqüentemente fazem, elas se designam pelo seu nome, e não usando a palavra “eu”. Muitas vezes fazem isso. Isso as tornou mais objetivas? Absolutamente não.

“Falar de ‘pensamento’, de ‘imaginação’, de ‘inteligência’ etc., só é válido se estou ciente de que essas terceiras pessoas abstratas são entidades fictícias incumbidas de representar, no microcosmo do discurso, várias modalidades de uma ação que em todos os casos é minha e somente minha.”

Você pode até falar “minha personalidade” etc. Mas a sua personalidade onde está? Quem é? É você mesmo. Mas quando você fala “minha personalidade”, você está de certo modo se distanciando dela, como se fosse uma terceira pessoa. É um truque de linguagem evidentemente, este truque de linguagem às vezes é inevitável.

“Todo mundo conhece a piada: o que engorda não é açúcar, não é cerveja, não é pão, não é macarrão — o que engorda é você. O mesmo retorno do objeto ao sujeito deveria ser praticado quando se fala do conhecimento da verdade: (...)”

Quem conhece não é a minha inteligência, não é a minha memória: quem conhece sou eu.

“(...) quem enxerga a verdade não é meu pensamento, meus órgãos dos sentidos, minha imaginação ou minha inteligência: quem enxerga ou não enxerga a verdade sou eu.”

Mas se você disser que este eu é indefinível, eu digo, sim, ele é indefinível, mas, ele é perfeitamente cognoscível. Quando você conhece as pessoas, o que você conhece? Você conhece a personalidade dela? Você conhece a inteligência dela? Você conhece a memória dela? Ou você conhece a ela? Você conhece o ser humano concreto, ao qual você atribui, com razão, responsabilidade moral e jurídica: ele tem os méritos de suas ações, ele tem a culpa dos seus erros e pecados, e assim por diante. Então não é a presença de um objeto, mas é uma presença, por assim dizer, cheia das tensões da responsabilidade moral. Ela não é definível, mas ela é a única coisa que está presente.

[0:50] “Há, é claro, alguma dificuldade gramatical em falar em nosso próprio nome quando queremos dar ao nosso depoimento um sentido de universalidade, sugerir que aquilo que se passa na nossa experiência se dá exatamente igual — ou deveria dar-se — na experiência de todo mundo.”

E é por isso que nós usamos essas terceiras pessoas: nossa personalidade, nossa inteligência etc. Quando eu faço isto, quando eu me afasto de uma parte de mim mesmo, terceirizando-a, eu estou dizendo que esta parte de mim mesmo funciona exatamente como a sua parte equivalente, quer dizer, é um truque gramatical.

“Em geral simulamos a universalidade, que é uma ampliação, por meio da impessoalidade, que é uma diminuição.”

Quer dizer, é uma figura de retórica inversa, por assim dizer, mas que as pessoas compreendem.

“O artifício é lingüisticamente aceitável, mas sempre perigoso, porque tão logo o aplicamos tendemos a esquecer que o fizemos, e tomamos a impessoalidade enquanto tal como indício ou prova de veracidade.”

Se você ler todos os livros de psicologia do mundo, você vai ver que eles só falam dessas funções e nunca de pessoas concretas. A rigor, um livro de psicologia só deveria poder ser escrito na primeira pessoa. Porque por mais que o psicólogo se esconda por trás de um nome de um papel social, por nome de uma regulamentação da sua profissão etc., o instrumento que ele está usando para captar os outros é o quê? É a sua própria consciência, e não outra, mesmo quando ele se apegue a modalidades de conhecimento que alegadamente não implicam nenhuma autoconsciência, como behaviorismo, por exemplo. Eu digo: muito bem, aqui não vamos falar de eu, de intenção, nem nada, só vamos observar a conduta, e a conduta foi assim, assim e assim. Daí você pergunta: Mas foi assim mesmo? Ou seja, é verdade que a conduta do cidadão foi tal ou qual? Quem vai responder a esta pergunta, apenas a conduta do psicólogo? A conduta do psicólogo não pode fazer isto. Então observo os reflexos condicionados do outro, faço abstração da consciência, estou observando só os reflexos condicionados. Mas para eu dizer que os reflexos condicionados foram tais ou quais e dizer que isso foi verdade, eu não posso fazer isso por reflexos condicionados. Ou seja, o psicólogo behaviorista não pode se comportar como um sujeito de estudo da psicologia behaviorista, ele tem de ser um ser humano autoconsciente. Portanto, essa limitação que ele faz no objeto de seus estudos é apenas uma limitação convencional, que o extrai do quadro como um sujeito que está no cinema olhando uma tela e acredita

que existe só o que está na tela, que não existe o edifício do cinema, as pessoas que estão em volta, que ele não pagou entrada nenhuma, e acredita que ele vai ficar ali eternamente sempre, não vai voltar para casa quando terminar a sessão. Então é claro que é uma ilusão de ótica. Esta ilusão de ótica pode ser usada artificialmente, engenhosamente, para fins didáticos, para fins de explicação. Mas se você passa a acreditar nela, então você está louco.

“Daí à frieza estudada do discurso professoral, em que um tagarela esperto se esconde por trás da tribuna para fingir que é a voz da verdade universal, o passo é bem curto.”

Veja que isto é norma geral nas teses universitárias. Você não tem um eu vivo e presente que esteja falando ali, é apenas um papel social que fala para outros papéis sociais. É como se, em vez de você ir lá presente, você levasse um gravador para falar, e as pessoas, em vez de ouvi-lo, levam um gravador para gravar o que você falou.

“Nem todos os depoimentos concordantes do mundo podem provar o que quer que seja, se as testemunhas não falam desde dentro da sua consciência viva, com plena presença individual humana, mas desde a superfície de um papel social aprendido, com um senso de responsabilidade moral e humana de bonecos de ventríloquo.

Mesmo na ciência, muitas vezes os experimentos concordantes só parecem sê-lo porque sua expressão em palavras faz abstração de mil e um desvios e variações individuais observados durante a sua execução.”

Eu dei algumas aulas sobre isso anteriormente, mostrando como o problema da reprodução da experiência científica é infinitamente espinhoso, porque todo experimento científico usa equipamentos; os equipamentos são enormemente complicados, alguém tem de aprender a manejá-los; no aprender a manejá-los, um técnico ensina para outro não só com regras fixas, mas com gestos, com olhares, com indicações, ou seja, tem toda uma transmissão muda. E tudo vai depender disso aí, no fim das contas. Agora, na expressão dos resultados da experiência, toda essa parte é abstraída como se não tivesse existido, e você fica só com aquela parte esquemática que parece concordante. Então de certo modo tudo isso é uma profecia auto-realizável, e é por isso que as pesquisas científicas dão errado com tanta frequência. Ou seja, um verdadeiro rigor na observação científica implica o quê? Não só o domínio dos conceitos abstratos, da teoria e dos processos da experimentação, mas o domínio da sua situação existencial de experimentador. Mas isso seria só para gênios assombrosos. E se nós adotássemos esse critério, nós teríamos de demitir praticamente 98% dos empregados de laboratórios, sobriam 2% de pessoas que têm a plena consciência do que estão fazendo. Socialmente isto é inviável. Mas o preço dessa inviabilidade o que é? É o erro científico. E o erro científico não é brincadeira. Aqui nos EUA morre um milhão de pessoas por ano por erros médicos. Agora você imagina erros em estratégia militar, erros em economia etc. Soma tudo isso, e você vai ver que a humanidade sobreviveu por milagre, sobreviveu à ciência e à tecnologia por milagre.

“Congressos científicos, tribunais, debates parlamentares e jornalísticos não passam, com frequência, de espetáculos de teatro onde os atores se esmeram em dar uma impressão de verossimilhança concordante por meio da simples

impessoalidade do tom e da abstinência ascética de qualquer presença pessoal.”

O indivíduo faz de conta que ele não está ali e que é, ou um computador, ou a voz de Deus que está falando.

“Tudo isso não impede que o único conhecedor e portador da verdade continue sendo o sujeito individual consciente tomado na sua unidade moralmente responsável e na sinceridade do seu testemunho interior.

Se a concordância de muitos testemunhos é frequentemente enganadora, a confissão individual plena pode, em contraste, elevar-se às alturas da validade universal quando seu conteúdo vem carregado daquela necessidade intrínseca que força todo ouvinte sincero a reconhecer, por dentro, que com ele as coisas se passam exatamente do mesmo modo.”

É o método de Sócrates.

“Quando Agostinho confessa que desde a mais tenra infância já tinha pensamentos maldosos no coração, qual ouvinte honesto, com memória afiada, pode negar que também os tinha?”

Ou seja, é uma confissão pessoal, mas ao mesmo tempo ela tem a força de uma validade universal. Ele não está falando apenas como indivíduo distinto dos outros, mas ele está falando como indivíduo humano que está vivenciando uma condição universal do ser humano justamente no fundo da sua individualidade. E é no fundo dessa individualidade que ele vai encontrar o quê? A universalidade da condição humana. E é só ali que ele vai encontrar, ele não pode encontrá-la por estatística, porque a estatística só poderá medir condutas externas.

“Se digo que, malgrado minhas aspirações espirituais, com frequência me surpreendo temendo mais a opinião pública que me espreme de perto do que o Juízo Final com que Deus me acena de longe — ou mesmo deixando-me levar pela fantasia macabra de que Deus me julgará com a malícia de meus inimigos —, qual ser humano, em seu juízo perfeito, pode negar que o mesmo jamais tenha se passado com ele?”

Por exemplo, você vai confessar os seus pecados. Então você vai lá e confessa os pecados que o envergonhariam se a platéia soubesse. Você não tem o peso que Deus daria a esses pecados, porque Deus está na interioridade. Você só pode ter uma idéia [1:00] do que Deus pensa de você pelo seu espírito, ou seja, pela parte mais alta da sua inteligência. Ou seja, quando você tem amor à verdade, você sabe quando você falhou a ele. Você sabe quando traiu a Deus, por quê? Porque você sabe que traiu o que tem de melhor dentro de você, e aí você confessa direitinho. O resto, não. Você está confessando para Deus? Não, você está confessando para as fofoqueiras da esquina — e isto é comum. Claro, nós temos de começar confessando para as fofoqueiras da esquina senão nós não aprendemos a confessar, mas isso é infantil! Agora, pergunto eu, você pega todas essas pessoas que se dizem religiosas, quantas têm consciência disso? São João diz: “Aquele que está dentro de vós é maior do que aquele que está no mundo”. Ele está dentro onde? No meu estômago, no meu intestino? Não pode ser. Ele só pode estar na ponta superior do meu espírito, ou seja, na minha máxima submissão à verdade — é ali que está. Por que na

missa, quando era em latim... Hoje em dia se fala: “O senhor esteja convosco”, você responde: “Contigo também”. Mas é errado, é *“Et cum spiritu tuo”*, com o teu espírito. Não é com os teus pensamentos, com tuas emoções, com teu espírito. E o que é o espírito? É a parte superior da inteligência, é a liberdade humana, ou seja, é a consciência humana tomada da plenitude da sua responsabilidade moral. E aí você verá que os pecados que tanto o assombram às vezes não significam nada e outros horríveis que você cometeu você nem percebeu.

O que é o amor a Deus? Eu digo: se você não chegou a este ponto da personalidade intelectual, você não sabe o que é o amor a Deus, não é possível saber, porque o amor a Deus está no topo da personalidade intelectual. E note bem: personalidade intelectual não tem nada a ver com ler muitos livros, com ser professor universitário, de fato não tem. Isto quer dizer que se nós queremos ajudar as pessoas a se livrarem da sua hipocrisia religiosa, não adianta criticar a hipocrisia religiosa, tem de ajudá-las a chegar neste ponto, que é exatamente o que eu estou tentando fazer aqui. Então, isto quer dizer, as coisas que o envergonham perante a sociedade humana não são necessariamente as que o envergonharão perante Deus. O amor a Deus subentende que você busque saber o que Deus quer de você e o que Ele pensa realmente pensa de você, porque você quer agradá-Lo. Mas como você pode agradar se você não tem a menor idéia do que Ele quer? A primeira coisa que Ele quer de você é isto: que você busque a verdade, porque a verdade é Ele. E é uma verdade que é, note bem, verdade do espírito e, portanto, algo que só chega a nós através do pensamento, mas que o pensamento por si não cria e nem alcança. Quer dizer, o espírito começa onde o pensamento se transcende a si mesmo, e você admite algo que está para além do pensável, que não é pensável, mas é sabível — é outro conceito que eu já expliquei na apostila “Contemplação amorosa”.

A maior parte das coisas que nós sabemos não são pensáveis. Por exemplo, você conhece a senhora sua mãe? Conhece. Pense-a. Você pode pensar nela, não ela. E o que você conhece é só o que você pensa dela ou você conhece a ela? Você a conhece como pessoa real. Então ela é conhecível como pessoa real, mas ela não pode ser transformada em objeto de pensamento, não pode ser reduzida a objeto de pensamento, nem mesmo objeto de sensação. Fisicamente você vai lá, vê a sua mãe: ela está com 85 anos. Mas ela sempre teve 85 anos? Você não sabe que todas as idades anteriores dela estão nela ainda, embora você não as veja? Por exemplo, ela não tem uma memória, ela não conta coisas da sua infância?

Eu me lembro que, quando eu era pequeno, a minha avó, que já estava bem velhinha, contava do tempo em que o marido dela estava vivo, e ele era caçador de profissão, e ela contava como ele preparava os cachorros, a comida, ele tinha quarenta cachorros. E eu ouvia e ficava fascinado. Mas aquilo tinha se passado cinquenta anos antes. No entanto, o que era a minha avó? Aquilo era a minha avó, era aquele conjunto de memórias que ela tinha e que tornavam a sua presença tão valiosa para mim. O ser humano, o seu semelhante, sua mãe, sua avó, sua tia, sua namorada etc. são todas pessoas morais que você pode conhecer, mas que você não pode pensar. Você sabe que o que quer que você pense delas é apenas um símbolo de uma presença

real; presença que continua real quando a pessoa não está e depois que ela já morreu, como eu estou falando aqui da minha avó como uma presença moral que ainda está aqui.

Aliás, existe um trecho do Louis Lavelle, que mais tarde talvez nós venhamos a estudar, que ele toma esta noção corrente de que o passado e o futuro não existem, só existe o que está fisicamente presente no momento. É aquele verso do Camões: “que quanto da vida passa / está recitando a morte”, quer dizer a vida está acabando, acabando e está indo para morte, só, então todo o passado já acabou. Mas, quando eu penso em mim mesmo, no que eu estou pensando? Eu estou pensando no meu passado: tudo o que eu fiz e tudo o que me aconteceu. Ou como dizia Ortega y Gasset, o que somos nós: “Nosotros somos lo que hacemos y lo que nos pasa” — nós somos o que nós fazemos e o que nos acontece. E onde está isso? Está no passado. E este passado é que é a minha presença moral para mim mesmo.

Quando eu falo de mim mesmo, eu estou falando de tudo o que eu fiz e de tudo o que eu vim sendo ao longo do tempo, e isso tudo está presente. Se não estivesse presente, se tivesse presente apenas a minha presença física, eu não poderia sequer ter responsabilidade moral ou jurídica por coisa alguma. Quando você responde a um processo, é por alguma coisa que você fez ou não fez. Quando? No instante do julgamento? Não, no passado, meu filho. Então este passado está muito mais presente do que o instante presente atomístico e, no entanto, ele não está presente fisicamente. Então diz aí o Louis Lavelle: “Já durante esta vida nós morremos no corpo para nos transformar em espírito” — já durante esta vida. Depois que você viveu um “x” tempo, todos aqueles dias que se passaram já morreram, já acabaram. O que está presente? A pessoa moral que você criou com tudo isso e que só existe no reino do espírito. E curioso, quando nós conhecemos outras pessoas, quando nós convivemos com elas, nós sabemos que é com isso que nós estamos convivendo e não somente com uma presença física atomística. Então onde estamos vivendo já, agora? No reino do espírito composto das nossas histórias, que só existe espiritualmente, não existe mais fisicamente, mas que é a nossa presença verdadeira. Isto é absolutamente fundamental. Na hora em que você entende isso, toda a sua perspectiva sobre a realidade já mudou.

Essa idéia de que só existe o que está fisicamente presente e o resto é apenas uma ilusão da mente, eu digo: não esta que é a grande ilusão, porque o momento presente quanto dura? Um segundo, dois segundos? Nem isto. Se dura um segundo, já tem alguma duração, então já passou. Na hora em que você vai pensar em momento presente, ele já não está presente mais, e daí você tem aquela impressão de que tudo é evanescente, de que tudo está sumindo. Eu digo: como está sumindo, se são justamente essas coisas que foram sumindo que criaram a sua presença humana agora, com a qual nós falamos? Então o mundo do espírito tem uma densidade maior do que a densidade da presença física instantânea. Então isto quer dizer, não é quando nós morrermos que nós vamos nos transfigurar em espírito, vamos morrer no corpo para nos transformar em espírito, não: durante a vida isto já está acontecendo o tempo todo para todo mundo. E note bem: isso aqui não é doutrina religiosa, não, isto é uma observação científica.

“O assentimento pode, no entanto, basear-se na imitação de papéis aprendidos ou num senso das conveniências sociais em vez da sinceridade da memória. Quando é esse o caso, tanto faz a testemunha falaciosa esconder-se exteriormente por trás daquilo que ela imagina que os ouvintes esperam dela ou, interiormente, por trás das funções da mente hipostasiadas numa pluralidade de terceiras pessoas gramaticais. A mentira exterior e a mentira interior só diferem pelo tamanho da platéia.”

Eu acho que isso foi longe demais, então [1:10] vamos fazer uma pausa, daqui a pouco nós voltamos.

[intervalo]

Aqui temos várias perguntas. Eu vou tentar responder primeiro as que têm ligação direta com a aula de hoje.

Aluno: Gostaria de entender melhor o que é a personalidade intelectual. Na aula de hoje, o senhor disse que, por um lado, não é possível verdadeiramente amar a Deus sem o desenvolvimento de uma personalidade intelectual e que, por outro, ter uma personalidade intelectual não significa necessariamente ter alta cultura ou mesmo a vida de estudos.

Olavo: Não. Personalidade intelectual é algo que começa após a conquista da maturidade. Isso aí pode acontecer em várias idades, não tem necessariamente uma ligação com a idade, pode acontecer muito prematuramente. Quando eu digo aqui que não é possível você ter amor a Deus sem isto, isso pode dar margem a alguma confusão. Eu vi no próprio *chat* algumas pessoas dizerem: “Não, mas isso não é obra da graça?” Eu falo: se não fosse obra da graça, então poderia ser atingido na esfera do mero pensamento. Você não pode dizer que eu disse que espírito é a ponta superior do pensamento, onde ela está aberta para algo que não é pensamento, é o que está para além do pensado e para além do próprio pensável. Portanto, nós podemos dizer que está aberto já numa esfera de objetivamente absoluta, onde o objeto, a verdade em si é totalmente soberana. Quer dizer, sem isso, o amor a Deus é absolutamente inconcebível, não tem como você nem pensar uma coisa desta.

Aluno: Assisti ao seriado Walking Dead. Cenas terríficas e dantescas à parte, vi no filme um alerta sutil aos seres humanos. Estamos mais e mais abraçando a idéia niilista, a idéia de que não somos nada. Este debate sobre o espírito, que estamos desenvolvendo aqui no Seminário, simplesmente não é possível na maioria dos lugares, inclusive acadêmicos no nosso país. Falamos de espírito, todos riem como se estivéssemos falando de uma quimera. (...)

Olavo: Esses camaradas entendem espírito no sentido puramente materialista, aquilo que o Dalai Lama chamava o materialismo espiritual. Quer dizer, entende o espírito como se fosse uma fumacinha ou aquilo que os espíritas chamam de ectoplasma e assim por diante — isso é o máximo que eles podem fazer. Quer dizer, estão abaixo da possibilidade de começar a discutir uma coisa desta. Quando você encontra um objetor deste tipo, você só pode fazer uma coisa por ele: você deve humilhá-lo o máximo que puder para quebrar o orgulho do desgraçado e fazê-lo dispor-se a aprender alguma coisa. Quer dizer,

o ignorante que já vem armado de uma total autoconfiança, como, aliás, lhes é próprio, você não pode discutir com ele no mesmo plano. Primeiro você tem de criar a possibilidade de uma discussão, e essa possibilidade só existe se você quebrar a carapaça do orgulho e então o dispuser a aprender; fora disto, não. Às vezes a humilhação é o único recurso que você tem, não por maldade, não por ódio ao cara, mas por uma condição prévia de toda e qualquer educação.

Agora, não seja ingênuo de tentar discutir com essas pessoas. Primeiro você tem de criar uma situação de discussão possível, a qual não existe se o interlocutor não está aberto sequer para tentar entender o que você está falando. Ele não precisa entender, ele já julgou, ele já sabe, ele está preso dentro de um círculo de chavões que para ele são a verdade absoluta, e qualquer coisa que não pareça com aquilo soa ridícula para ele ou até ofensivo. Agora, você se tornará mais ridículo ainda se você tentar provar alguma coisa para uma pessoa desta. Aristóteles já dizia que não cabe discutir com aquele que não conhece ou não reconhece os princípios da discussão. Então você não tem ali uma confrontação lógica, nem dialética e nem retórica, você tem ali um confronto de forças psicológicas. Então qual é a primeira coisa a fazer? Tem de bater no cara para ele aprender! Quer dizer, humilhe-o o máximo que puder, daí depois que ele apanhar bastante, ele talvez se disponha a conversar. Quer dizer, só entende a linguagem da força; às vezes até força física, às vezes um cara deste quer se impor a você na porrada.

Aluno: (...) No filme, os zumbis chegaram àquele estado por esses motivos externos involuntários, mas no mundo atual o ser humano está procurando voluntariamente a condição de zumbi.

Olavo: Isto é verdade. Quer dizer, o indivíduo que se transformar numa espécie de equipamento e, quando o equipamento quebra, ele devolve para loja, conserta e volta para casa. Quer dizer, todos os seres humanos estão se rebaixando extraordinariamente. Agora, o problema não é que eles façam isso com eles mesmos, o problema é que eles exigem que nós façamos o mesmo. Eu sugiro que vocês assistam ao filme, que alguém me mandou, *Idiocracia*. É uma destas comédias do tipo *jackass*, comédia adolescente americana em que se especula como o mundo será governado quando a procriação dos incapazes, ao contrário do que previa Darwin, superar a dos capazes; quer dizer, é a sobrevivência dos mais inaptos. E é uma verdadeira maravilha porque está lá um sujeito assistindo ao programa de maior sucesso na televisão que se chama “Ai, meu saco”, e é só sujeito dando pontapé no saco do outro, caindo no muro com saco, só fala de saco o tempo todo. As pessoas estão ficando realmente assim.

Aluno: Sempre fiz uma certa confusão entre os termos “alma” e “espírito”, tenho uma certa dificuldade em diferenciá-los. Gostaria de saber também se o sentido do espírito apresentado pelo senhor na aula de hoje é aquele mesmo sentido religioso. Lembro-me de um texto bíblico que diz que o pó volta para terra e o espírito volta a Deus que o deu.

Olavo: Sim. O espírito é a ponta superior da alma, aquela onde ela toca algo que está para além dela. E nós usamos a palavra “alma”, de preferência a palavra “psique”, para designar o aspecto de responsabilidade moral que é

inerente à alma humana. Psique você pode falar, no sentido puramente técnico, como um conjunto de mecanismos ou um conjunto de funções, então às vezes não funciona bem para as nossas finalidades. Mas o espírito não é uma terceira dimensão do ser humano, é simplesmente o ponto onde a alma se transcende e se abre para algo que não é ela. Este algo que não é ela é justamente o princípio do qual ela emana, que é o que mais tarde nós vamos estudar mais meticulosamente aqui no Louis Lavelle.

Aliás, eu queria dar dois avisos aqui para vocês. O primeiro é que se houver algum atraso, algum erro na transmissão do nosso curso, é porque o nosso *webmaster*, o Silvio, teve de mudar para França — um curso que a mulher dele está fazendo lá ou para um estágio, trabalho, um emprego que ela arrumou — e ele está todo atrapalhado, buscando apartamento, se adaptando num país novo, o negócio não é fácil. Então nas próximas semanas pode ter alguma falha aí, então vocês tenham paciência.

E a segunda coisa é lembrar que de 6 a 11 de maio eu vou proferir aqui o curso “Introdução à Filosofia do Louis Lavelle”, onde nós vamos retomar muitas coisas que falamos do Louis Lavelle aqui, mas sob uma perspectiva completamente diferente. Aqui nós não estamos estudando a filosofia de Louis Lavelle, nós estamos usando elementos fornecidos pelo Louis Lavelle para estudar determinadas questões que são do nosso interesse. E no curso eu vou apresentar a coisa de uma perspectiva mais informativa sobre a própria filosofia do Louis Lavelle e a bibliografia intelectual dele. As informações, telefone para inscrição etc., já estão no meu site.

Alguém aqui dá um exemplo. O Diego Vasconcelos viu, na [TV] Cultura, uma situação em que dois moleques estavam fazendo umas loucuras com a motocicleta, veio uma motorista atrás, buzinou, reclamou e tal, e eles simplesmente desceram da moto e deram um tiro na cabeça da mulher. E daí estava lá uma psicóloga dizendo que “pessoas deste tipo são espécies subumanas por não possuírem compaixão, misericórdia, nem piedade” — claro, são psicopatas evidentemente —, “e que a mentalidade dessas pessoas está em guerra contra as pessoas normais, pessoas de bem, trabalhadoras”. Estão em guerra permanente, o psicopata está aí para ferrar com o resto o mesmo, são predadores, não tenha a menor dúvida! Agora, esclareço que o psicopata mais perigoso não é o deste tipo que comete a violência direta, não: é o psicopata que está na política, que está na chefia de grandes empresas, **[1:20]** que tem cargos de responsabilidade — este é muito mais perigoso.

Mas daí diz que estava lá o Vladimir Safatle que disse: “Aqui nós não estamos em guerra contra ninguém, ninguém está em guerra contra nós” — pulou fora. Quer dizer, ele achou que reconhecer que existem psicopatas pegaria mal para ele, então fez de conta: “Não, aqui está tudo bem, nós não temos esse problema”. Este é um exemplo de total irresponsabilidade moral. Daí o aluno diz:

Aluno: O ônus de renegar a verdade foi a desmoralização do filósofo ali mesmo, desta feita a se tornar ridícula a sua própria pessoa.

Olavo: Sim. Mas ele foi exposto ao ridículo porque ele estava perante uma platéia geral. Se fosse uma platéia acadêmica, ele não soaria ridículo de jeito nenhum porque todos eles são assim. Então é a mútua solidariedade dos vigaristas. Ali num ambiente acadêmico ele não corre perigo nenhum. Agora, se você botar esses camaradas falando para uma platéia geral, não adestrada nos cacoetes ideológicos deles, os caras sempre ficam ridículos. Mas eles raramente se expõem a isso. Em geral esses camaradas falam apenas para os seus alunos, 60-70 pessoas, ou para uma congregação universitária, eles não ficam se expondo assim muito, só aqueles que têm um treino extraordinário para isso. Mas você não vai ver muitos destes marxistas falando para uma platéia geral. Em geral quem fala para uma platéia geral não é um filósofo intelectual marxista, é um jornalista que tem a técnica para isso, tipo Paulo Henrique Amorim, e que metade vai achá-lo ridículo e metade vai achá-lo fabuloso.

Aluno: Uma observação: uma sociedade exposta à “revolução permanente” dos agentes da mentalidade revolucionária que têm condições de atuar numa sociedade, a emergência dos psicopatas é uma profusão, assim...

Olavo: Sem sombra de dúvida. Numa situação de predomínio do movimento revolucionário, a ascensão dos psicopatas é absolutamente inevitável. Mas isto é a definição do movimento revolucionário, quer dizer, a promoção da psicopatia.

Alguém aqui me pergunta se eu conheço as obras do Padre Quevedo e se eu as recomendo. Conheço e não recomendo, porque diz que o Padre Quevedo demonstrou a inexistência do diabo, e no dia seguinte o diabo demonstrou a inexistência do Padre Quevedo. O Padre Quevedo não tem grande importância nesse sentido. Um padre que chega e fala que o diabo não existe, eu falo: primeiro você comece por tirar essa batina. Eu estou muito mais com o Norman Mailer que dizia: “Proponho que se aceite a existência do diabo como uma hipótese científica”. Na verdade, a pessoa sobre a qual existem mais depoimentos, a pessoa que mais foi vista no mundo foi o diabo. Nenhum ser humano pode mostrar tantos testemunhos da sua existência quanto o diabo, principalmente na Idade Média. A lista de depoimentos de aparições do diabo é um negócio absolutamente fantástico. Nem Napoleão Bonaparte foi tão visto, nem Barack Obama foi tão visto quanto o diabo.

Aqui o Cleuton Mamede de Farias me manda um esboço do trabalho que ele está fazendo sobre a discussão da homofobia, em que ele analisa a coisa em várias camadas. Este negócio está muito bom, mas não tem jeito de eu discutir aqui. Eu acho que isso aqui já é um projeto de estudo: eu não vou discutir ainda os projetos. Calma lá, vocês aguentem a mão. Quando eu começar, eu não vou parar mais. Mas em princípio essa coisa aqui está muito boa.

Com relação a esta questão da homofobia, eu acho que o ponto que jamais é levantado e que me parece o essencial é o seguinte: liberdade sexual não existe, não há um direito à liberdade sexual e não existe nenhuma lei que possa proteger uma prática sexual qualquer—isto é absolutamente impossível. Toda regulamentação a respeito é feita para limitar a liberdade sexual, toda, desde o princípio dos tempos é assim e por definição é assim. Você não pode

admitir que um desejo sexual seja por si criador de direitos. Isto é uma coisa tão, tão absurda que basta você aceitar isso que todo o edifício da lógica jurídica já caiu, e foi feita exatamente para isto.

Nós acabamos aceitando situações absurdas em que o indivíduo acredita que o desejo sexual dele é mais nobre, mais sacrossanto e mais merecedor da proteção estatal do que a religião do outro. Eu pergunto: algum homem já foi para cama com outro homem por motivos humanitários, por motivos idealísticos, para o bem da espécie humana? E você acha que as pessoas que vão, por exemplo, para um mosteiro, que ficam lá rezando o dia inteiro, fazendo exercícios ascéticos, estão fazendo isso por prazer sexual? Então não são condutas que sejam sequer comparáveis. No momento em que você aceita essa discussão, você já acabou com o seu cérebro. E a coisa foi feita para isto, foi feita para idiotizar. Quer dizer, é a proposta absurda que parece razoável num primeiro momento, porque formulada numa linguagem de direitos e numa linguagem de discussão política etc., mas, quando você vê, aquilo é uma armadilha feia para instaurar a idiocracia.

Então tem de dizer que a conduta homossexual não pode ser objeto de direitos, não pode por si ser protegida pela lei, porque nenhuma conduta sexual pode ser protegida pela lei, nenhuma, nenhuma, nenhuma, nenhuma. Tanto que a conduta heterossexual só é legítima em determinados casos e dentro de todas as restrições. Existe um direito à heterossexualidade? Existe o direito de você praticar a heterossexualidade com a sua mulher dentro da sua casa. Você não tem o direito de comer a mulher do vizinho e, sobretudo, você não tem o direito de comer, seja a sua mulher, seja a do outro, em praça pública. Mas a proteção à homossexualidade, a proteção contra a homofobia acaba instaurando o direito desses camaradas praticarem sexo na rua diante de todo mundo. Por que chega a este absurdo? Porque já era absurdo na base. Você não pode aceitar essa discussão. E você tem de dizer o seguinte: homofobia é um direito estrito, qualquer fobia é um direito estrito. Este sim é um direito, a homossexualidade não é um direito, a homossexualidade é apenas um prazer que a pessoa tem.

Agora, uma fobia ou uma repulsa pode ser um impulso incontrolável, que a pessoa não quer ter e, no entanto, ela tem. Você só tem desejo sexual daquilo que você gosta, mas você pode ter fobia ou repulsa por coisas que você não gosta nem de pensar. O impulso sexual é sempre controlável, as fobias e repulsas não são. O que é um direito? A homofobia é um direito, desde que ela não se expresse em condutas publicamente violentas, agressivas ou propositadamente humilhantes. Eu sempre dou o exemplo do velho Graciliano Ramos que na cadeia tinha tanto horror de homossexual — e não é horror psicológico, ideológico, não, é físico — que ele deixava de comer porque o cozinheiro da cadeia era homossexual, e ele ficava: “Não, este camarada fica mexendo lá no dos outros e depois vem fazer a minha comida, não quero, não”. Ele ficava semanas sem comer, se auto-sacrificando. Ele podia controlar isso? Não podia controlar. Para tirar isso da cabeça dele, vinte anos de psicoterapia talvez tirasse, mas em geral não tira. Assim como um amigo meu que tinha fobia de gato: era um homem de 2 metros de altura, via um gatinho e subia em cima da mesa. Como é que você vai tirar isso dele? Você não pode garantir. Agora, o impulso sexual é sempre controlável, e por isso mesmo a lei

o controla, a lei estabelece limites estritos. Mas com dez anos de existência do movimento homossexualista, este pessoal gayzista já adquiriu mais direitos do que qualquer heterossexual jamais teve.

Outra coisa: o próprio conceito de homossexualidade ou de gayzista, ou de gay, é um conceito feito para esfarelar o seu cérebro. Então tem aqui um sujeito que quer ser menininha, então ele quer cortar o peru, botar uns peitos de silicone e virar Roberta Close e tem aqui um sujeito que é do tamanho do Schwarzenegger, um machão peludo, que quer outro machão peludo, e eles dizem que é a mesma coisa, que é o mesmo fenômeno. Já começa por aí. Isso é obviamente mistificação, você está falando de coisas completamente diferentes. Eu me lembro quando houve um movimento de gays, que freqüentavam uma sauna de gays, em São Paulo, para proibir a entrada de travecos e travestis, porque eles diziam: “Nós viemos aqui procurar homem, e daí vem esses caras com esses peitões, isto é um desrespeito, e ele dizia, eu tenho nojo disso”. Eu pergunto: isso [1:30] não é homofobia? Quer dizer que se o homossexual machão tem nojo do traveco não é homofobia, é outra coisa? Ele tem o direito de dizer publicamente que tem nojo e nós não podemos dizer nada a respeito de coisa nenhuma. E se vem um casal de dois homens, senhor e senhora, na minha casa, eu sou obrigado a aceitar aquilo e fazer de conta que considero aquele machão peludo e barbudo é mulher do outro. Eu não consigo fazer isso, eu vou dar risada da situação, não porque eu queira ofendê-lo, mas porque a situação é cômica em si. Quer dizer, está tentando me impor na base daquele negócio: “Afim, você vai confiar em mim ou nos seus próprios olhos?” Eu estou vendo um homem, o cara diz que é a mulher dele, eu devo confiar em quem? Só porque a lei me obrigou? Eles estão criando essas situações, meu Deus do céu! Que são situações propositadamente cômicas e grotescas para destruir nas pessoas a sua capacidade de pensamento lógico e raciocínio jurídico etc. Isto aí é um ponto que eu sugiro que você leve em conta no seu trabalho.

Por hoje é só. Lembrem-se do aviso do nosso curso e do aviso do Silvio. Até semana que vem. Muito obrigado.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu.
Revisão: Antonia Javiera Cabrera Muñoz.